

A comunidade científica

Na última conferência realizada no nosso Centro sobre A doença e a Cura..., o nosso companheiro Eduardo Aroso referiu um facto curioso do Sec. XIX sobre o comportamento da chamada “comunidade científica” que me despertou particular atenção.

Uma breve pesquisa e passo a expor tão resumido quando possível:

Ignaz Semmelweis (1818-1865) foi um médico Austríaco, de origem Húngara, que em 1847, após várias investigações em duas clinicas de obstetrícia, onde observou que numa delas a taxa de mortalidade materna por febre puerperal era muito superior à da outra, propôs que os médicos antes de tratarem das pacientes no parto lavassem as mãos com hipoclorito de cálcio (idêntico ao cloro usado no tratamento da água de piscinas). Segundo os estudos que tinha feito, só por esse facto a taxa de mortalidade materna foi reduzida em 90% mas, apesar disso, foi ridicularizado, afastado das suas funções e forçado a sair de Viena para Budapeste. Mais tarde, por causa da sua insistência no assunto, foi internado num hospício, onde viria a falecer alguns dias depois. E isto porquê? Porque na altura não era hábito as pessoas de “classes superiores” lavarem as mãos, isso era um hábito apenas do povo que realizava tarefas sujas. Alguns médicos lavavam as mãos com água ou com sabão, apenas nos casos em que tal era absolutamente necessário porque tinham ficado visivelmente sujas, e outros nem isso. A tal “Comunidade Científica” pertencente à elite não podia conceber, apesar das evidências apresentadas, que tivesse que lavar e desinfetar as mãos. Só mais tarde Louis Pasteur, quando desenvolveu a teoria microbiana das doenças, confirmou que Semmelweis tinha razão. Hoje existe um hospital e um Museu com o seu nome e é considerado o pioneiro em procedimentos antissépticos.

Vem isto a propósito da dificuldade que existe em ultrapassar o pensamento dominante da tal “comunidade científica” e abrir a possibilidade de integrar alguns conhecimentos esotéricos no método científico. Sempre que algum cientista tenta ir um pouco mais longe é de imediato desacreditado ou ridicularizado pelos pares. Alguns, entre eles o nosso António Damásio, pelo elevado prestígio que já conseguiram obter, atrevem-se a ir um pouco mais além com muitos cuidados e reservas nas afirmações. Um livro bastante interessante sobre o assunto é o de Eduardo Punset – Conversas com os grandes cientistas do nosso tempo.

Max Heindel na sua introdução ao Conceito Rosacruz do Cosmo, começa com a celebre citação “Todo aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não estrará (Mc 10:15)”. Isto porque uma criança não está imbuída do sentimento dominador de superioridade, não tem opiniões preconcebidas nem julga antecipadamente, e conservam os ensinamentos até que possam comprovar se realmente estão certos ou errados, ao contrário dos cépticos que repelem tudo o que não conhecem e cujas ideias petrificadas os tornam inacessíveis aos raios da verdade. A ciência só consegue trabalhar com os nossos cinco sentidos, mas para atingir conhecimentos do Espírito é necessário muito mais do que isso.

António Neves

2021-11-15